

homens & factos do dia

SEMANARIO DA VIDA MUNDIAL

ESCRITORIOS NO PORTO
Avenida dos Aliados, 71 — (provisório)

REDAÇÃO (PROVISORIA)
BARCELLOS

EDITOR
Carlos Morcizo

X

SABADO
3 DE AGOSTO
1929
N.º 1

50 Cts.

DIRECTOR *Reporter*



A volta do imigrante.—O triunfo na morte e o triunfo na vida.—A farça do protocolo.—S. M. viaja.—O segredo das viagens reais.—Cécile Soré, o calor de perolas e o gatuno sentimental.—Cartazes e anúncios ou remédio para todos os males.—Os actores na intimidade.—Anedotas do Chaby.—Um erro da justiça.—O mais estranho divórcio.—A tragédia de Viena ou a Maria Alves egípcia.

O CADAVER DO EMIGRANTE

QUANDO o jornal fôr apregoado por essas ruas—deve ter chegado já a Portugal um português que emigrou vai para treze anos... E poucos emigrantes, de volta à pátria, terão como este, pompas oficiais e grinaldas de corações a enfeitar o cais do desembarque... E sempre um espectáculo que dedilha os nervos e aquece a alma—o do regresso daqueles que um dia, entre lágrimas e trapejar de lenços se quindam à Babilónia dum navio que os leva pelo rumo da Esperança, amalgamados na turba entrouxada da III.ª classe... E dos que vão cheios de fé—que poucos voltam; que raros moldaram no mármore forte da realidade os seus projectos de triunfo... Mas quando voltam triunfantes—que prémio de alegria e até de vaidade, ao exibirem se bem trajados, o cachucho no dedo a scintillar ao sol, o ventre cortado pelo cordão d'ouro, o riso que é o cheque à vista das notas guardadas na carteira... E cá fora, a mãe, as irmãs, toda a família, em delírio e em ansia: «Como ele está muda-

do!» «Como ele vem gordão!» «E que de jóias!» «Foi Deus que ouviu as n-ssas rezas...»

Tambem o emigrante que voltou agora à pátria deve ter tido a sua apoteose—e mais grace e soléas aiada. Tambem os pais, e os irmãos e os amigos o devem ter aguardado no poste... Mas em vez de entusiasmado, de delírio, de ansias, apenas se viam lágrimas e contrações de dor! Em vez do guarda-roupa garrido e endominguado—fatos da negrura da morte! E se pudessem vê-lo, ao desembarcar—diriam, pela certa: «Como ele vem mudado!»—mas não acrescentariam: «Foi Deus que ouviu as nossas rezas!»

Mudado sim, que vem... Era um moço sadio, vibrante de vida, pujante na pequenez da sua corpulência portuguesa—quando se foi; e agora, se arromba sem o tempo do caixão onde ele viaja apenas contemplariam as ossuras descarnadas dum esqueleto... E que o emigrante de quem eu falo—senhores—é Gouveia Curado o primeiro soldado português que caiu no front da França.

a sua estada naquela cidade...

Este convencionalismo ridículo recorda a mui repetida anedota da creada que veio á porta declarar: «A Senhora manda dizer que não está em casa e que não sabe a que horas volta...»

O rei que bate o «record» das viagens... em «incognito» — é Afonso XIII.

Agora mesmo ele se encontra «incognito», em Paris.

Todas as viagens em incognito de Eduardo VII chamavam-se Mlle Yvette Duboc; as de Leopoldo II da Belgica tiuham o plebeissimo nome de Marie Louise Lout; e as de D. Manuel chamar-se-iam Gaby, — a unica pagina viva da juventude tristonha do ex-rei de Portugal. As viagens de Afonso XIII foram dedicadas durante muitos anos a Bordeus. Em Bordeus existia, num arrebalte discreto uma casa apalaçada; e nessa casa uma senhora de esplendorena formosura e uns petizes singularmente parecidos aos principes de Espanha—mas mais fortes, mais sadios, mais alegres... Nos ultimos tempos o monarca espanhol tem preferido Paris a Bordeus — nas suas viagens... Ignoro o segredo dessa nova predileção... Os homens são levianos—e Afonso XIII, dizem, que o é como homem... e como rei.

As incognitas reais

DE todo o vocabulario ritual ao serviço dos reis o mais ridiculo é, deciddidamente, o termo das viagens... «incognitas».

Os jornais informam em tipo graúdo que o Rei Fulano II deve chegar a Londres ou a Paris (quasi sempre é a Paris...) no dia tal ás tantas horas—e que Sua Magestade viaja... incognita. No dia e a hora maresdas Sua Magestade desembarca, sai da estação entre fileiras de papalvos que o olham como a um fenomeno; um enxame de reporteres fotograficos o envolve tiquetaqueando os kodaks; toda a gente o viu, toda gente leu na imprensa as noticias da sua chegada—noticias ilustradas com a foto-



grafia como que para garantir que é verdade, que é ele e não outro, o rei que vein de passeata até Londres ou até Paris—mas como Sua Magestade viaja... «incognita»—todos fingem igno-

rar a sua visita... E o visitante, como se não visse que todos o viram; como se não soubesse que todos sabem que ele chegou—aparenta, muito a serio tambem, o convencimento de que todos ignoram



CHARLES SCHWARTZ
o Ladrão de Cécile Soré

A actriz e o ladrão

CECILE Soré tem, de facto, o direito de nos impôr uma respeitosa seriedade quando comete os seus ridiculos porque é, indiscutivelmente, uma grande artista, uma artista em ininterrupta adoração à Beleza. Não sendo tão velha como os boateiros murmuram — nem tão nova como ela, com protesto dos espelhos, afirma — não está em idade de evolucionar. E como sentia reduzir-se o público ante as suas atitudes classicas e as suas tiradas romanticas — começou a representar na vida, fazendo do lar, das ruas por onde passa, dos *restaurants* onde come, das igrejas onde se casa (Cecile já conheceu dois ou três maridos) outros tantos palcos gemeos aos do teatro em que trabalha.

Cecile tem 59 anos — informa um livro de biografias que está aqui ao meu lado: «Les Vedettes». O seu autor — Marcel Beraud pagou caro a indescricção revelando ao público a idade desta artista. Cecile parecia louca: barafustou, invadiu as livrarias, rasgou dezenas de exemplares na cara dos livreiros, insultou-os, tentou processos, o diabo em pessoa.

Doutra vez um caricaturista — *Sem* — maltratou-a ligeiramente com o seu lápis trocista e gásto, tornando-lhe penoso o nariz romano e dando pelangas de velha ao rosto que foi, ao que parece, de impressionante formosura, na mocidade. Quando Cecile o soube ei-la em correria para a sala de exposição do caricaturista, a representar de novo, extrapalco, a sua colera de deusa pagã, estilhaçando o vidro, quebrando a moldura, rasgando a caricatura. «Sou ainda bela, muito bela mesmo — declarou os reporters que depois a entrevistaram — e não consinto que ninguém venha destruir essa Beleza.»

Ha três ou quatro anos estive em Lisboa, num acidente de *tournee*, trabalhando com Monley-Souly no Polytechnum. Velho reportorio e um elenco de respeitaveis veteranos da arte. A critica torceu o nariz; o público não se interessou. Cecile Soré esperava de certo um acolhimento bem differente; mas como não o teve transformou esse fracasso em exito, com a mesma sem-cerimonia e artificialidade com que transforma a sua decadencia em juventude. De regresso a Paris fez-se entrevistar pela «Comedia» e conta que os portuguezes afirmavam nunca terem saboreado um petisco de arte como o cozinhado por ela em Lisboa: — «O teatro enchia-se todas as noites; quando eu passava pelas ruas, os homens descobriam-se; e no ultimo espectáculo foi descerrada uma lápide no *Joyer* comemorando a minha passagem aparecendo então o presidente da Republica, acompanhado de todo o ministerio e do corpo diplomatico e foi ele que, pes-

soamente, me condecorou com a comenda de Santiago...» E' um roزاری de carpetões; mas era o que ela ambicionava — e está bem.

A ultima proeza elegante e teatral de Cecile Soré vem agora relatada nos jornais francezes. Uma tarde appareceu a visitá-la um moço de apinocado trajar, distinto, simpatico, apresentando se como artista decorador. Uma distração da actriz — e o decorador escapa-se levando um colar no valor de 100.000 francos. Queixas na policia — mas todo a gente se sorri. Ninguém acredita no furto. «Mais uma teatral de Cecile para que se fale dela...» Mas era verdade. Os inspectores da Sureté deitam a mão ao gatuno — um *gentleman* profissional deste género de prestigitação, de nome Charles Schwartz. Nas vesperas do julgamento Charles escreve à actriz — pede-lhe perdão do que fez e informa, num estilo dramatico, que casara, que a mulher tivera ha pouco um filho e que pela familia se vira na necessidade de regressar ao antigo *metier*. E é então que Cecile tomia a sua protecção o seu proprio gatuno, pagando a um bom advogado, indo, pessoalmente ao tribunal depor em sua defeza e supplicando piedade aos juizes. Mas os juizes condenaram Charles — e dá-se então entre o reu e Cecile uma scena patetica de lagrimas e declamações literarias em que Cecile, transformando o tribunal em teatro, jura ao gatuno que se encarregará do sustento da mulher e do filho — enquanto ele estiver a ferros... — «Descança, desgraçada! exclama Cecile! Nada lhes fará!»

Que querem... Cecile Soré foi, sempre assim — e agora, na sua idade, já não é facil mudar...

A alma dos anuncios

REALISOU-SE em Viena d'Austria um enorme e curioso Congresso de publicidade com farta concorrencia de tecnicos e artistas de todo o mundo. Confessivos em segredo a minha fraqueza por todos os anuncios e por todos os cartazes. Nas cidades modernas que visito passo horas, de nariz no ar contemplando, em pasmaceira os reclaims electricos, coloridos, bruxelantes... Os cartazes, que são as estampilhas que as cidades colam nos envelopes de pedra dos seus muros, seduzem-me às vezes, como se fossem paginas dum magazine ou quadros duma revista. Mas toda a minha predileção vai para os anuncios... Quantas vezes, nas raras manhãs de madraçaria, desprezo a leitura alimenticia dum grande artigo — para passar com os olhos, amenamente, pelas alas da pagina dos anuncios...

Experimentem... Viajar pelas secções de anuncios de um jornal — é dos mais comodos e variados turismos que conheço. Bem sei que ha sempre nessas columnas estreitas — anuncios que são *vitrinas* onde a tragadia nos espreita; gritos de socorro; desesperos; viuvas que vendem o ultimo movel; velhos que supplicam um emprego; um cobrador que perdeu uma carteira com dinheiro da cobrança... — mas esses encontros desagradaveis são como os mendigos que nos preeguem com a sua lamuria triste quando passeamos por uma bela e moderna avenida. O resto é divertido como um espectáculo de circo. E além de divertido — é util, higienico; pica-nos de optimismo, de fé, de energia. Numa pagina de anuncios ha sempre a milagrosa salvação para todos os casos — mesmo os mais graves e dolorosos. Para a mulher que sofre com sua evidente decadencia fisica — lá está o «Instituto X», as doutoras da Beleza, prometendo-lhes o regresso à juventude, a lisura da epiderme enrugada, o novo brilho dos olhos a deslustrarem-se, o outro ou ebanorio dos cabelos a embranquecerem, a firmeza dos seios a branquejar; para o timido — lá estão os magos com escriptorios em Londres ou Paris, que apparecem, nos anuncios, carraneudos e de turbante na cabeça, e que predizem os segredos do futuro e do destino, sem um erro, sem



uma falha; para os torturados por uma duvida — a agencia de detectives particulares que oferece os seus serviços infalíveis; para os dispepticos — a droga infalível que dará ao vosso estomago a resistencia dos do avestruz; para os que ambicionam ser elegantes com economia — o alfaiate que herdou a sciencia de Brummel e que generosamente se arruina

Chaby... por dentro

CHABY Pinheiro abandonou o Sindicato dos Trabalhadores de Teatro. Ignoro qual era o seu logar na Associação dos actores — mas deduzo facilmente que devia ser grande e espaçoso —; nem Chaby podia ocupar outro!!! Facil é ainda prever que a sua saída provocará uma lacuna impossível... de preencher...

Chaby Pinheiro — não pode nunca ufanar-se de possuir a estima dos seus colegas — e ele, creio, paga-lhes com a mesma hostilidade *camoufflé*, suplician-do-os no garrote da sua língua. Mas a falar a verdade — os actores destestam-se todos uns aos outros; e como o armamento lingual de Chaby só se diferencia pela habilidade e inteligência com que o floreteia — faz-se um calculo bastante aproximado do que será a fuzilaria dos lança-venenos no carnaval intima da classe. Por isso a Associação dos Artistas afigurou-se-me sempre uma inverosilhança — como se organisassem um sindicato comum de gatos e ratos; de cães e gatos; ou de rapozas e galinhas...



CHABY PINHEIRO

Mas não devem ser apenas as dificuldades das suas virtudes que tornam Chaby detestado nos meios de bastidores. O triunfo do seu inegavel talento Lustrionico; a sabedoria da sua administração; a sorte grande continua das suas empresas e a fortuna amealhada solidamente devem ser a causa principal da antipatia que lhe votam.

Eu nunca lhe contei o dinheiro — mas sei que Chaby é rico. Ha quem avizle os seus cadedaes em mais de mil contos. Mil contos a representar em portuguez — é obra! Ganhou-as com trabalho, sem duvida; mas se bem os mereceu melhor os tem defendido. A economia

a vestir com pompa, barateza e fazendas caras os que não dispõem de meios; para os fracos, a força; para os pobres, a riqueza; para os enfateados, o apetite; para os ignorantes, a erudição; para as dores de cabeça — a aspirina; para os dentes — a pasta Z; para a felicidade — o livro do dia, do autor da moda... E tudo rapido, facil, infalivel — e ao alcance de todas as bolsas...

Façam como eu... Passem uma temporada nas paginas dos anuncios... As paginas dos anuncios é um sanatorio para o espirito...

de Chaby era capaz de o pôr na espinha — se aquelas banhas não possuíssem a dureza resistente duma couraça.

Ha outra pagina a estudar na vida deste artista e que nos obriga a ser indulgentes ante os seus defeitos. E' a força da sua ambição e a batalha brutal travada com a vida para vencer. Ele nasceu assim, monstruoso, paquidermico, enjulado naquela montanha de gorduras. Mas mesmo assim ele era ambicioso, ele queria ser feliz, queria ser artista... E foi; e teimou; e antes de se dedicar ao plebeismo das farças e à exhibição do fisico — fez arte, arte pura, arte nobre, arte seria; e venceu... O dinheiro tornou-se-lhe, ha muita, uma obsessão. Quer o futuro garantido — está certo — mas isso não o enibe de fazer da vida o melhor que pode e dentro da lei da menor despesa.

Viaja, percorre o mundo num lento e ameno turismo durante as suas férias — e viajando podia empôr o Manual de viajar por pouco dinheiro. Sai dos combatos e desprezando os moços lá vai rebolando-se pelas ruas, ajojado com as malas, batendo à porta de dez, quinze, vinte hotéis até que derreado repousa finalmente no mais barato da terra. A escolha dos *restaurants* obedece à mesma severissima lei. Quem quizer conhecer os segredos da vida barata em Paris ou Madrid ou Milão — é interrogar o Chaby... Muita gente julgará que Chaby trocando-se no palco e oterecendo, como of-rece, á auto-exploração e á sua ganancia de emprezario a disformidade do seu corpanzil — vive resignado com a partida que a Natureza lhe pregou e que até se diverte muito com o pitoresco do seu aleijão. E' um equivooco Chaby, fora do teatro, não suporta alusões e irrita-se epilepticamente quando nota a surpresa berrante e a curiosidade pasmada do povolen. Em Madrid, um dia, ao tomar uma carruagem ouviu o cocheiro dizer para um colega: «Tenho sorte ou não tenho? «Me ha salido el gordo!» — e se o cocheiro não se desfaz em desculpas era arrancado da bolea e ficaria cilindrado debaixo do Chaby.

Dos muitos ditos laminosos, cortantes, impiedosos que se atribuem a Chaby ha um que não resisto a contá-lo. Uma vez, na Brasileira, o actor L. P. narrava o um grupo de amigos o successo que tivera no Brazil substituindo o Brazão nos dramas do seu repertorio; e os outros francamente admirados da ousadia de L. P. teimavam em não acreditar no seu apregoado exito. Chaby entrou e L. P., chama-o: «E' ou não é verdade, Chaby, que agradei em cheio no Brazil, fazendo os dramas do repertorio do Brazão?» Chaby arregala os olhos, faz um simulacro d'encolher hombros e responde: «Eles, pelo menos, riam-se a valer...»

O Destino tragico de Katharine Steiner

DESTINO tragico dessa Katharina Steiner, cuja morte aos 75 anos de idade, comoveu toda a imprensa mundial. Filha natural dum infante austriaco que a procurou, em vão, durante anos, para a defender de todas as fatalidades, ela foi escamoteada dos braços da mãe por um chantagista que ambicionava fazer da creança materia prima de lucrativas explorações. Abandonada aos 17 anos, sem uma unica protecção, ignorando o segredo do seu nascimento, perseguida pela fome e pelos egoistas que cubicavam os seus encantos, foi rolando, de degrau em degrau, até se alistar no exercito sombrio que percorre, de noite, as ruas solitarias das grandes cidades. Em 1875 estava ela em Viena e encontrára uma alma sã que a queria rehabilitar oferecendo-lhe casa, alimentação e trabalho. Era uma dama de idade, viuva e rica que passava o seu tempo a cumprir obras como esta. Dir-se-hia que chegará a hora de paz para a pobre Katharina. Uma visita da casa, rapaz novo, trabalhador e honrado, estava disposto a queimar todo o passado da pobre pequena, casando-se com ela. Certa manhã, a protectora de Katharina appareceu assassinada. Tudo se conjugava para que as suspeitas caissem sobre a protegida. Julgada condenaram-na á morte. O imperador, ignorando que a suposta assassina tinha sangue seu nas veias comutou-lhe a pena em trabalhos forçados á perpetuidade. Isto foi em 1875.

O ano passado saiu do manicómio de Butapest um internado que lá estivera não sabemos quantos anos e que os medicos consideravam curado. O primeiro acto cumprido por esse homem ao chegar a Viena foi declarar-se o autor d'aquelle crime já esquecido. Não o acreditavam e ele esteve prestes a regressar ao manicómio.

Felizmente possuía ainda documentos que garantiam a autenticidade da sua confissão. Revisto o processo Katharina foi posta em liberdade. Mas para que lhe servia essa liberdade se aquelles cincoenta anos de degredo a tinham arruinado? Da bela *trotteuse* dos bairros galantes de Viena restava, apenas, uma mumia cheia de achaques e cega — cega! Pouco tempo depois a sua liberdade. Acaba de morrer num hospital. Destino tragico d'essa Katharina Steiner!

O Mau olhado da M.^{me} Porcello

A senhora Giuseppe Porcello casou por paixão aos 16 anos com um compatriota seu, um belo napolitano, moreno, guedelhudo, impetuoso, mais digno de ser galan de *film* do que negociante de graxas para calçado a que se dedica ha muitos anos. Em plena lua de mel, em 1920, emigrou para os Estados Unidos fixando o seu commercio em New-York. Fez rápida fortuna e a felicidade material da sua vida exterior era o reflexo azul e doirado da sua ventura intima. A senhora Porcello era um caso perfeito de esposa-modelar. Carinhosa, honesta, despendia de todas as vaidades e, ao mesmo tempo coquette só para seu marido; economica, trabalhadeira, cheia de resignação e vivendo, apenas, para o seu companheiro e para o seu lar. E ele fazia a justiça de proclamar por toda a parte as virtudes excepcionais da esposa. Assim é facil compreender a surpresa com

que a senhora Porcello esouteou ha um mês a declaração seca e cruel que o ultimo «Detective», de Paris reproduz:—«E' o ultimo dia que almoçamos juntos. Ficas avisada que vou requerer o divorcio contra ti.» E requereu. Qual os motivos apresentados? Ei-los: Segundo ele afirma a esposa teve de fazer uma operação á vista no ano de 1925; desde então, em certos dias, o seu olhar adquire expressões insofismavelmente fatais. Nessas occasões de crise são infalíveis 24, 48, 56 horas de fatalidades seguidas, uma camara d'ar que rebenta, um negocio que falha, um devedor que foge, um botão de casaco que cai, um estenderete na escada, uma canja que provoca indigestão... O senhor Porcello em suma quer divorciar-se porque sua mulher, embora involuntariamente lhe deita maus olhados. E isto succedeu em New-York no mês de Julho de 1929. Ignoramos se os juizes norte-americanos aceitam por boas estas razões; mas são capazes disso.

A bela princeza Egipcia

Estamos habituado a encarar Vienna d'Austria como um enorme palco d'operetas. Durante vinte e cinco todo o teatro musicado — vinda de Vienna Franz Lehar nasceu e viveu Vienna. Em todas as operetas de exito, da «Viuva alegre» o «Sonho da Valsa», do «Conde de Luxemburgo» a «Eva» — se scenografo o ambiente frivolo de Vienna, com aristocratas baixos, officiaes abonecados e marquezas levianas.



A Princeza Egipcia Djidji (cliché do «Wormer» de Vienna)

E d'ahi o pasmo produzido em todo o mundo quando disseram que sobre uma opereta real, que se desenrolava alegremente na alta sociedade vienense se entornara o sangue duma tragédia. São seus protagonistas Felix Gartner, ex-capitão dos hussares imperiaes, um D. Juan nas visinhanças dos 50 anos e uma neta de Cléopatra, a autentica princeza egipcia Djidji. O capitão, incuravel franco—atractor de aventuras amorosas, conheceu a princeza. Djidji num bairro de esturdia fumando um cigarro á meza dum café. A beleza oriental e desorientadora da princeza seduziu-o. Veio o flirt; veio a ligação — e ele a ignorar sempre quem era a sua amante e a tomal-a por uma costureira leviana Djidji, ao que parece aproveitava a sua fortuna e a liberdade para *vivre sa vie*—um continuo film de episodios emocionantes.

Mas desta vez brincava com o fogo. Quando julgou ter chegado ao 3.º acto da comedia—em estilo bem vienense—e quiz descer o pano o capitão iniciou a tragedia. Amava-a com essa ardencia alucinada dos homens que aos 50 anos conhecem o mel do primeiro amor. Descoberta a verdadeira personalidade da princeza começou a estontear-a numa vida de esbanjamento. Arruinou-se. Sacrificou-se. O pai da princeza, farto das extravagancias da filha, cortou-lhe a mezada. Ao ver-se na fronteira da miseria — ella quiz fugir-lhe. Elle per-

Homens & Factos do Dia: Na LITERATURA, no TEATRO e no CINEMA

Comentários, descritivos e temas dos livros, das peças e dos films
— de actualidades.—Episódios.—Biografias.—Anecdotas. —

A evolução do commercio do livro e o aumento das tiragens.— Movimento literario em Portugal, na França e na Espanha.—Acentuamentos.—Coincidenças notaveis.—O «Bourborches».

DEPOIS da Guerra houve um autentico panico entre a gente que vive do e para o livro—escriptores, editores, livreiros. Os romances, as obras literarias de todos os generos caiam no vazio ao serem lançados. Dir-se-hia que a humanidade perdera o gosto pela leitura; que a leitura passara á arqueologia como transporte a cavallo ou como iluminação a petroleo. Era a *climage* para todos os intellectuais; a *panne* infalível da civilização que evoluciona pela força thompt do pensamento como este necessita da exteriorização do livro que é o seu combustível. Precipitado punico esse provocado primeiro pela soffregancia de viver—vivendo dos que se libertavam do inferno das trincheiras; segundo pela crise de imaginação que a fadiga causara aos escriptores; e terceiro pelo atraso em que os editores se encontravam na tecnica do seu commercio em relação aos avanços dos outros commercios e da vida moderna em geral. Passado pouco tempo, onze anos apenas, a humanidade regressou aos livros, os editores puzeram-se em dia com o ritmo dos processos actuals de commerciar, e os autores reconquistaram a saúde e a felicidade. E' interessante e útil até registrar os processos de lançamento de livros aditados nos ultimos anos pelos livreiros estrangeiros. A casa Ulstein de Berlim gastou quinze mil marcos ou seja 75 contos em reclames da obra «Das Wanderer» de Hugo Lughtner. A casa Hachette, de Paris affixou um cartaz luminoso de tres mil lampadas electricas em pleno boulevard para anunciar um livro de Dekobra; a casa Thompt & Son tem contratado um artista decorador com a exclusiva missão de transformar as montras sempre que lança uma nova obra.

Isto no que se refere ao reclame em geral, mas são numerosas as iniciativas brilhantes e originaes de que elles detem em objectivando o desenvolvimento do negocio livreiro. Na propria Russia dos soviets não se despresam esses processos de propaganda. Chegam a organizar cortejos com carros alegoricos propagandando o livro do dia. Em Espanha é muito vulgar os livreiros anunciarem que, em determinado dia, determinado autor da casa permanecerá de manhã até á noite para autografar todos os livros da sua autoria que nesse espaço de tempo forem comprados. A curiosidade de conhecer, em carne e osso, o autor predilecto e o interesse de possuir a sua obra valorizada pelo seu autografo fizeram com que, só num dia e só num livreiro, Wenceslao Flores vendesse duzentos e tal exemplares dum livro seu. O resultado destas modernizações no commercio do livro está evidenciado pelas estatísticas das tiragens. Na Alemanha, antes da guerra, a media das tiragens dos livros medios era de cincoenta mil exemplares. Hoje é raro não atingir-nos o triplo e alguns, como *Al'ouest rien de nouveau*, alcançam quinhentos e seiscentos mil exemplares. Em França escriptores melhores, como Marcel Beyger, conseguem cem mil exem-

plares graças á intelligencia dos seus editores. em Portugal, onde difficilmente se abrem as janelas para renovar a atmosfera nota-se uma ligeira electrização na industria livreira. Antes da Guerra mil exemplares era o zenith das ambições dum publicista. De tiragem das «Cartas de Holanda» de Alberto Pinedtel, que era algumas letras p-rtuguezas, e que escreveu essa obra em 1906, ainda hoje restam uma ou duas centenas de livros por vender. Tirão Camilo que apesar da sua choraminguise neurastenica viveu sempre e bem dos seus livros (e dissemos *bon tendo* em cont' o paiz e a epoca) e muitos anos depois Albino Forjaz de Sampaio, Julio Dantas e poucos mais, os outros affixavam-se numa penuria humilhante. Nos ultimos dois anos aumentou extraordinariamente o interesse pela leitura, sendo vulgar as tiragens de quatro mil exemplares. Um pouco de vibração dosentou ideias novas de propaganda e ficaremos nivelados aos mercados estrangeiros na relatividade da população e do excesso do nosso analfabetismo.

Livros

«Cidade Maldita» por Belo Redondo—Um romance dum reporter—dum reporter que se revela romancista. A historia comovete, por vezes siltiva, das zumbijas legitimas dum soldador que antevê uma vida colorida e emocionante na capital que elle descreve mas julga conhecer através do cristall azul da sua propria illusão. Faz da sua timidez uma força onçada e lança-se na lucta convencido, sob o efeito do opio das suas utopias; que basta querer ser feliz para que a felicidade lhe caia nos braços. Tremendo é o choque. A sua alma naufraga. Uma mulher o entoa-tece. O romancista, na simplicidade da sua forma de jornalista instala-nos na alma do seu heroe e leva-nos aos dois—ao personagem e ao leitor—através os bastidores labirinticos do *bas fond* lisboeta que elle conhece pelas suas repetidas excursões de reporter, como um cicereiro Cook, conhece os museus de Roma nos *colobres* de Paris. E' um livro para ler. Não se deixa uma pagina no prato. Vigor, nitidez e relevo em todo o elenco. O recorte de Ricardo Mendes é esculptural.

«Rien que la Chair» por Pierre Bilotey—E' um livro estranho em que as extravagancias um pouco arbitraras dos folhetinistas populares se misturam com as nobres intencões do escriptor de raça preocupado com a helez e com todos os problemas sociais. Um modesto tipografo sugere-se a carta operacão em que uma especie de doutor Auero russo experimenta não sabemos que innovação cirurgica. Resulta d'ahi uma metamorfose com pleta na psicologia, no intellecto e no fisico do antigo operario que se guinda, rapidamente, á victoria da vida, toranado-se num dos reis de Paris. Juntamente com a victoria, com a riqueza, com o poderio, com a felicidade, veio a atrocção para a desonestidade transformando-o quasi num monstro. E' o amor duma mulher simples que o salva fazendo-o regressar á modestia do seu passado e á ventura da honradez que elle perdera. E' impossivel que o seu autor não tenha lido «O Mandarim» do nosso Eça de Queiroz.

«Stripe Loup» por Lucien-Graux—Um livro palpitante de interesse e de originalidade. Recorda a tecnica do ingles Wells. O seu heroe que a fatalidade fez criminoso, foge á justiça e pactua com um bando de negreiros. Todo o interesse dessa obra reside na evocação e no estudo minucioso do commercio de carne humana duma epoca ainda não distante em que a escravatura estava legalizada. A analise psicologica dos traficantes, dos compradores, e dos vendidos; os processos de aquisição daquellas «florestas d'ebano», a forma como os conduziam amontoados quasi caixotes nos porões dos navios, as tragedias que a sua classificacão de animais produziam entre os escravos, os problemas angustiosos de amor que se desenvolviam naquele inferno de vida, tudo isto é tratado, reconstituído no livro de Lucien-Graux com uma maestria impressionante. Num mez com mil exemplares.

«Le Pacifique» por André Dubosq—Frente a frente, separado por esse oceano cujo nome—Pacífico—será dentro de muito pouco uma sangrenta ironia, ha amerellos—japonezes e chinezes—valhas raças, longos seculos ensonadas pelos narcoticos occidentais e, por fim, despertadas, acudidas, remocadas, senhoras da mesma civilização do occidente e das suas antigas forcas—e do outro lado os brancos, os Estados Unidos, olham-se inquietos na certeza dum eminente *corp-a-corp*. E' a visão dessa guerra apocaliptica á superficie, e maquiavelica e subtil no sub-solo que André Dubosq nos cinemaografa no seu ultimo livro.

Mas a princeza não podia mais... O seu proprio temperamento desejava uma emoção mais forte ainda. Provocou-o; vexou-o; despresou-o em publico—em plena sala de «Konserthaus» a meio d'um concerto. Elle desafechou sobre ella o revolver, dando ao rosto maquilhado da princeza o carmin vivo do sangue. Morte instantanea a d'ella... lenta morte, a d'elle: Dose anos de trabalhos forçados. Se Franz Lehar quizesse compôr a musica eu escreveria uma peça com este assunto que é, aliaz a aristocratização do mesmo drama de Augusto Gomes.

Agencia
Nicolau Ferraz
PASSAPORTES

R. LOUREIRO, 60
PORTO
Telegrams—Silferraz
Telefone—709

CAFÉ RIO

BATALHA, 117 118 — PORTO

O melhor café da Batalha, na opinião dos bons apreciadores de café.

BAR-BATALHA — Nos beixos do «Café Rio»
Não é preciso reclamar assim o afirmam os bons frequentadores

CARLOS PEREIRA DE SOUSA

Carro de aluguer
Limousine Chervolet

BARCELOS

ANTONIO JULIO DE CASTRO

BARCELOS

Agente da Companhia de Seguros
"A MUNDIAL",
Comissões e consignações

RESTAURANTE MIRANDA

(AO FUNDO DO JARDIM PUBLICO)

BARCELOS

Esplendido serviço de meza

Os melhores vinhos

EMILIO VINAGRE

Automoveis
de aluguer

FIAT E ESSEX (limousine)

BARCELOS

O ultimo Sucesso de Livraria

Cemiterio da Gloria
— e da Saudade —

2.º volume das

Obras Completas do

REPORTER X.

A' venda em todas as livrarias

União Industrial Barcelence, Limitada

—DE—

M. A. Coutinho & Filho
Fabrica de Serração e Serralharia

Madeiras, Coizotavias, Toros, Lenhas, Etiquetas de madeira para despachos no caminho de ferro.
Serras de fita, Limadores mecânicos a esmeril e qualquer obra de Serralharia

Armazens de Cereaes e Legumes

Chargeurs Réunis Sud-Atlantique

Para o BRAZIL e RIO DA PRATA

Para Carga, Passagens e quaisquer esclarecimentos, trata-se com os Agentes Gerais em PORTUGAL

Comptoir Maritime Franco-Portugais, Limitada

Sucessor de DIOGO JOAQUIM DE MATOS

No PORTO: R. da Alfandega, 7

Telef. 22025-22026-C

Em LISBOA: Cais do Sodré 32 a 38 — TELEF. 2202-2294-C

JOSE PEREIRA DA QUINTA & C.ª LD.ª

Mercearia e Deposito de Tabacos

Correspondente de Bancos

BARCELOS

Fabrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Limitada

BARCELOS

Depositos: COIMBRA: Angelo Madeira, R. Pedro Cardoso, 1
NO PORTO: Jaime Nunes, R. Sá da Bandeira, 78 1.ª
EM LISBOA, Octavio João Vilas, R. da Assunção, 267

«Le Scaphandrier de La Tour Eiffel», por Cami—Cami é o trocista genial da literatura franceza. Herdeiro modernista do espirito de Molier pelo espirito de observação e pela facilidade de realisar a caricatura dos assuntos mais serios. Este seu ultimo livro é uma especie de espelho concavo, onde se reflecte, comicamente, um romance tenebroso, cheio de misterios e de crimes, daqueles que enchem de pesadelos o sono das mentes nervosas e poem de pé os cabelos dos proprios calvos. Ele descreve as scenas mais horripilantes, com ar serio, grave como se, realmente estivesse fazer um folhetim daquele genero. Mas imitando os processos dos folhetinistas falo com tal exagero que se torna irresistivel.

«Viva El-Rei» por Luiz Oteyza:—Outro jornalista que triunfa, ruidosamente no livro. Antigo director de «La Libertad», de Madrid, as suas reportagens tiveram fama mundial. Em plena guerra com Marrocos voou num aeroplano civil de Madrid ao Rif francezes, conseguiu invadir o quartel general de Abi el-krin, entrevistou o celebre general marroquino e os principaes prisioneiros espanhols e traz para Espanha, a revelação das verdadeiras causas da rebelião do Rif e os planos duma verdadeira e duradoura paz. Republicano indomavel foi-lhe prohibido continuar a escrever na imprensa espanhola. Desde então dedicou-se, exclusivamente, a viajar e a escrever livros. Este ultimo romance, «Viva El-Rei», dum humorismo constante que nos deixa no espirito o sabor das melhores paginas da subtil ironia de Eça de Queiroz. Trata-se de um riquissimo e pacifico vinhateiro de Andaluzia que teve uma tia que se prendeu de amores por um principe destronado e aventureiro que lhe cubicara a fortuna e lhe lionegara a vaidade burguesa. Trinta a quarenta annos depois os realistas desse paiz fantastico querem restaurar a monarquia, mas lutam com uma lacuna tremenda, a falta dum pretendente á corôa. Lembra-se, então daquelle descendente espanhol do seu ultimo soberano e visitam-no para lhe oferecer o throno. As peripetias e aventuras extraordinarias deste bom, comodista e pacato vinctuor andaluz transformado inesperadamente, num monarca de uma nação de que ele até o proprio idioma ignora; os imprevistos resultantes do seu esforço de adaptação, os entrecosques politicos, os desgostos, os ri-

diculos, as inquietações, tudo se emboralha numa scintillante charge levando á gloria, o talento do romancista. «Viva El-Rei» que obteve em Espanha um formidavel exito de critica e de publico será, em breve, traduzido para portuguez.

Factos literarios

«Fenomenos telepathicos»? São frequentes as coincidencias de assuntos e até de titulos de obras de autores que vivem a grande distancia ou que, pelo menos, desconhecem mutuamente as suas intenções literarias. Podemos citar o caso do «Crime do Padre Amaro», de Eça de Queiroz, escrito e editado em portuguez poucos mezes antes de «La Faute du l'abbé Morraus», cheio de semelhanças e de intenções identicas. Recordamos ainda a «Missa Nova» de Bento Paris, drama teatral que este escritor começou e terminou nas mesmas datas em que Bento Mantua começou e terminava a sua peça «Navo Altar», cujo argumento e orientação se reflectem como uma imagem n'um espelho; e ainda com esta casualidade: é que os dois dramaturgos não se conheciam pessoalmente. Ha coisa de dois mezes o director d'este jornal lançava o primeiro volume de novelas das suas «obras completas» enfiado pelo titulo de «Amor-sem-Amor». Ora bem. No principio do actual mez a imprensa franceza faz os primeiros anuncios dum novo romance de Marcel Berger intitulado «L'Amour sans L'Amour». Se não houvesse outras razões para garantir o facto duma simples coincidência, bastaria dizer que a novela que batiza o livro de Reinaldo Ferreira saiu, pela primeira vez a publico nas colunas de «O Domingo Ilustrado» em 1926.

Jorge Courteline—Morreu ha dias o mais severo e saboroso comediógrafo do teatro francez, Jorge Courteline. Morreu velho e cansado de sofrer. A legitima gloria que conquistou a golpes de talento e a relativa fortuna ganha através quarenta annos de trabalho incessante, não conseguiram intimidar as hostes feroces da Fatalidade: que o perseguiram toda a vida. A par d'um rosario de desgostos intimos a doença mal-tratava-o desde a juventude. Ha quatro annos cortaram-lhe a perna direita para o libertar das dentadas raivosas e insupportaveis do artritismo.

Recolhera ha dois mezes a uma casa de saude para lhe fazerem igual amputação á perna esquerda. A morte libertou-o de se ver, para sempre, aleijado e invalido. Courteline, como todos os humoristas, como todos que fazem rir, de Moliere a Tick-Nick o celebre palhaço parisiense, de Charlot a Max Linder, de Paulo de Kock a André Brun, era um amargurado neurastenico. Os que gosam horas de luminosa alegria lendo, escutando ou contemplando os mestres da graça mal advinham a tristesa e as sombras que empapam as almas desses profissionais do riso. De toda a obra de Courteline ficará como marmoreo monumento a sua força «Bourborroche»,—«Bourborroche» é o simbolo vivo do homem de bôa-fé e de bom coração, optimista e confiante que todos burlam, mas que ninguém consegue arrancar da sua fé cega que é a base de toda a sua felicidade, mesmo apresentando-lhe a prova infosomavel da verdade. «Bourborroche» tem uma amante que ama com loucura. Um visinho vem prevenil-o que a amante o engana. Ele resiste a acreditar-o, mas o denunciante convidado a ir, de surpresa, a sua casa. Alarmado corre a seguir o conselho do visinho, invade o falso lar e descobre instalado dentro d'um armario, sentado num fauteuil seu, calçando as suas pantufas, lendo os seus livros, o amante da sua amante. Era evidente a traição. Mas os dois cumplices muito serenamente contam uma historia inver-rimil que «Bourborroche», na ancia de não perder o seu paraizo, acredita piamente, castigado depois á bangalada o visinho que revelava a verdade e que ele acusa de calunador para melhor se convencer da mentira que o restituira á paz e á confiança da indigna amante. «Bourborroche» não é só uma obra prima de Courteline; é tambem uma obra prima da humanidade. No fundo de quasi todas as almas existe um «Bourborroche».

Reporter X

Ei'lo

A REPORTAGEM DO DIA

O CASO DO "HOMEM DAS LIBRAS DE LOUÇA,"

«... não vim ao Porto para fazer vindima de ouro nem para conquistar o marechalato da gloria profissional. Foi um incidente, uma paragem de oasis nesta longa travessia sahariana que é a minha vida nomada. Estive dois anos Norte, como estive dois em Barcelona; e um Paris e dez mezes em Bruzelas; e como tenho percorrido o mundo sob paludismo da minha inquietação errante...

«No Porto fiz ninho de muitas amizades — das mais puras e fortes que encontrei até hoje; no Porto sofri tambem as horas de maior amargura que me inquisitoriou a alma. Estamos quietos porque paguei com dgo da Dór, as libras de ventura que me regalaram.

«Mas no Porto, como na China, «eu sou eu» — desajuzado, indisciplinado, livre, piedoso ante o maior facinora sem máscara — intransigente ao defrontar-me com a hipocrisia que estuda, como Borrás ou o Alcega da Cunha, o jogo fisionómico e psicologico dos homens de bem e que levam no ventre o germen de todos os crimes.

«Canço-me às vezes... São 14 anos de trabalho ininterrupto; são anos gastos ao dobro — anos de 24 mezes; os cabelos embranquecidos precocemente; os nervos desajuzados; a neurastenia a anolecer-me como cartão metido n'agua; a ansia de reagir provocando-me fraquezas suicidas — que tive sempre a coragem de não negar. E aqueles que para orgulho meu temiam a minha intransigencia, a fila de tinta da minha pena — ao saberem-me acabrunhado, talvez doente, talvez apatico, friccionaram as mãos como caçadores ao verem a fêra desperrada.

«Ah! Não! Ferido, sim: morto não... E enquanto estes malditos nervos que podem conduzir-me à derrota; e que tantas vezes me tem levado à victoria, gozarem vibratidade; enquanto este cérebro não sofre uma panne; enquanto os meus actos (os meus, os pessoais, não os dos outros) não flexibilizarem a nuca obrigando-me a baixar a cabeça quando passo pelas ruas da minha própria consciencia, não descarrilharei da recta desenhada, não pela engenharia da opinião pública — mas pelo primitivismo do meu instinto rebelde.

«Fui sempre assim — e não vejo possibilidade de metamorfose — agora mais do que nunca, adulto como sou do meu pensamento e das minhas acções. Se às vezes ouço in differente a pirotecnica dos aplausos — tambem absorvo, sem me entoxicar, os arsenicos que gotejam em minha honra pelas palhetras dos madraços ou dos «por conta» dos potentados que eu golpeivam com o bico da caneta. Mas o veneno veneziano, com que esses Borgias, analfabetos de moral e desavergonhados do intellecto, pretendem fulminar-me transforma-se em tónico ao espalhar-se pelo meu desorganizado organismo. Raro é o dia que a T. S. F. não me traz informes do Observatorio Astronomico do Calunia. Uma vez é em espécie de Boletim da Bolsa do Diabo sobre as cotações de minha alma. Que me vendi a Fulano, a Beltrano, a Cicrano. E citam as quantias... O ano pas-

«... quero que continue a ver em mim, através de todos os meus actos, ajustados ou não, prudentes ou imprudentes, um amigo sem «mas» e um camarada que o considera um mestre. Amanhã como hontem, sempre como sempre, bastará um sinal seu para eu format quadrado à sua volta com as poucas energias e valores que possuo. E se no legitimo direito de defesa eu esbracejar — peço que não veja nisso, menos respeito pessoal por si...» (trecho d'uma carta dirigida no dia de 16 de Julho ao Ex.^{mo} Sr. Jorge de Abreu, director de «O Primeiro de Janeiro» sobre a questão da minha saída do jornal.)

«Esta lenga lenga que diz que se eu no citado artigo me limitei a personalizar «Homem das libras de louça» apenas com uma inicial — é porque entendi que uma letra bastava. Não foi por covardia, mas sim por intelligencia, por não ser oportuno — e talvez até por generosidade. E tu sabes que não é costume meu calar uma coisa no gramofone da imprensa (unico instrumento em que eu faço musica com estes assuntos) para vir depois, covardemente, segredá-la pelos cantos. Tenho quatorze anos de fêira; sou quasi um veterano destas guerras — e conheço à legua a estratégia de todos estes patifes boas pessoas. (trecho da carta dirigida em 14 a um grande e leal amigo alardado pelas tum-tans da botaria.)

«... mas quando a mocidade para vencer não hesita em uzar processos dos velhos desavergonhados, a ousadia fica em tremeliques historicos; as habilidades transparentam-se e as balas não só mas acertam no alvo como vêm, de ricochete, perfurar as almas precocemente tôrvas que as expelliram. Isto quer dizer, meu jovem, espertissimo e velho denunciante que a sua carta onde alardeia de prudente e leal conselheiro não acertou. Ha dias já que eu estou prevenido da cidade de que o encairetaram. E diga à pessoa que se serve de tão fracas «eminencias pardas» que conheço melhor do que ela e talvez tão bem como os advogados que sel ter consultado a velha e a nova lei de imprensa» (trecho de uma carta a um jovem e ambicioso sabujo que desconhecendo a boa informaçao diaria que recebo me julgava ignorante que fôra ele, para merecer as boas graças «do donos» quem primeiro o «norteára», mostrando-lhe «O Po-

sado fiz a totalizaçao e acolchetei os potegares nas cavas do colete na illusao teorica da maior riqueza... E que eu, Fausto desta opera-bufa, tinha vendido a alma a vários mestofeles por 357 contos...

No fundo é lisongeiro... E pena é que os mesmos boateiros desarranjem logo a seguir este acastelado triunfo monetario — dizendo (e então com verdade) que estou mordido de dívidas...

«Sim... Não é lógico que ao cabo de tanto suborno — digam ainda que eu, para viver com decencia, tenha dívidas... Por muito que esbanjasse — havia pelo menos de evitar os credores... O que eles não conseguem é erritar-me. Rio-me às vezes; outras lamento-o porque se eu me predispuzesse a mentir como eles — mentiria com muita mais intelligencia e verosimilhança.

«Qual é o ataque que essas eminences grises dos poderosos me dirigem? A mim — nenhum! Atacam os outros, atacam pessoas a que me julgam ligado... E se eles atacam outros — é porque não podem atacar me a mim. Ah! Se pudessem... Mas não podem...

«E' do dominio público que eu sei do Primeiro de Janeiro onde colaborei durante quasi três anos, como colaborei, e colaborei em dezenas de jornais portugueses e estrangeiros.

«... onde tratei pela primeira vez a questão do «Homem das libras de louça»)

Como uma fôlha de bloknote faz rebenatar uma bomba de clorato

Ora bem... Se existe profissao onde as proprias virtudes aliciam hostilidades — essa profissao é o jornalismo. Mas se o jornalista pratica o equilibrio atravésando os a sintonos como os acrobatas de circo passeiam pelo arame; se é prudente, calculista, se sabe preparar dentro do laboratorio da sua alma, as dormideiras axaropadas que a todos agradam; se a espinha dorsal é flexivel; se anda com o cuidado de não pisar calos — a vidinha escorregalhe untuosamente e ele pode ouvir, ao passar pelas ruas: «Ali vai Fulano! Tem talento! E' uma joia! E' mesmo incapaz de fazer mal a uma môsca».



Coronel BRICKER, da policia Americana em Portugal durante a guerra

caso é todo o fiel patife, é o «hipopotamo» da finança; a «hiena» dos generos alimenticios; a «serpente» da politica. E como ele trai a sua profissao que lhe exige vigilancia e combate em defesa de todos — é uma joia; e como as «joias» vive refastelado nas fôfos sedas dos estojos.

Porissc tenho inimigos. Contudo os meus inimigos, de uma forma geral, num conto me prestam justiça: em que eu e scu

Desse accidente — que foi, ao que julgo, feccundo para a minha vida — nasce este jornal — «Homens & Factos do Dia». Gráfica, tecnica e literariamente o seu primeiro numero está longe de corresponder ao meu projecto e às responsabilidades que eu creio ter. Mas é preciso medir com justiça as circunstancias em que ele passa do meu ventre para as mãos da parteira, que é o público... Eu precisava falar; era um dever não abandonar alguns leitores fieis que me seguiram. Tentáculos musculosos se enroscaram por todos os lados para eu emudecer... Senti então, nessa hora decisiva, que eu, era eu — que a neurastenia, a doença, o indifferntismo com que me anestesivava não me tinham reduzido à condicão de cadáver — e só os cadáveres não se defendem... E não queria — nem nisso pensei — pedir auxilios financeiros. Liberdade absoluta; falar até secar-se-me a garganta... Sem capital, e nas pressas que me permitia o prazo de duas semanas — eis o meu, o vosso jornal. Que a analyse quimica que se faça ao seu sangue de tinta dê negativo — que é, como quem diz, positivo para a victoria e ele será, em breve, o que os senhores e eu, aspiramos...

Reporter X

Cartas — Os bastidões do jornalismo. — O artigo de «O Povo» — Como foi feito e o mistério da sua retumbancia — A contra-espionagem durante a Guerra — Os B. B. — Suspeitas sobre Bartholomeu Dias — A minha saída do «Janeiro» ou sistema do «corte de viveres» — A inigmatica defensiva do sr. Francisco Borges — Os advogados e a lei d'imprensa.

um trabalhador, um operário que queimou toda a sua juventude a trabalhar; um grilbeta das letras, um mineiro infatigável e sacrificado das galerias inglorias das redacções. Raro é o dia em que não esguicho tinta para o papel numa esfalfante sessão de dez ou doze horas.

Os meus domingos não obedecem ao regulamento de Deus que manda repousar ao sétimo dia. As noites que para uns são de calmo, tepido e ininterrupto sono e para outros de azougada orgia—representam para mim galopadas da caneta, e quantas vezes torturado pelo sono que é das mais inquisitorias torturas que conheço. E só quem viva de escrever, como eu, e quem tem a honestidade da sua prosa, pode medir o esforço que representa essa continua expremidela da miolos... Dizem ás vezes que eu, com o modo do que fiz em Portugal—estaria ao abrigo de preocupações noutro país onde houvesse pelos trabalhos honrados e nobres e úteis o mesmo respeito que ha pelas «escroqueiras» habilitadas e impunes. Mas em Portugal paga-se mal... O artigo, a cronica, a reportagem, o romance,—pesam pouco nas balanças feitas para se roubar no bazar. E d'ahi o facto dos que não abdicam de certas comodidades, de certos prazeres, de certas viagens a que tem direito e que lhes são necessarias, serem obrigados a roubar anos á vida pelo esbanjamento da saúde.

E' sempre preciso roubar, para viver neste país. E entre dois roubos é preferível roubar o que é seu—a vida. Digo algumas que colaborei sempre e colaborei ainda em varios jornais. Ultimamente fui contractado para mais um, «O Povo», para uma série de artigos. Artigos de combate, de «baloneta-cada» — fóra-me recomendado e quando a banca quei uma manhã para rabis-car a primeira série abri um precioso *block-notes* onde vou apontando, a diario, os «factos» e «homens» que estão a pedir um banho de luz como os mendigos encascados em sujudades ou as damas besuntadas de tintas pedem um banho de agua e potassa. E folheando-o dei logo nas primeiras paginas com um apontamento esquecido. Tinha um titulo: «O Homem das libras de louça». Rejubilei... Aquele «Homem» estava feito á medida da secção, como um alfaiate faz um fato á medida do nosso corpo. Evoquei logo, num prodigio de memoria, o acaso que trouxera ao meu conhecimento toda aquela historia. Recordei, e creio sem uma lacuna, o que estive já ao alcance dos meus olhos num



BARTHOLOMEU DIAS—navegador do seculo XV que é acusado de ser o Homem das Libras de Louça (gr. da época).

dossier que me tinha sido confiado por umas horas... Escrevi o artigo, com a emoção sã de jornalista que sente gerar-se sob a pressão do aparo um «bom fillo». Escrevi; dobrei; estampilhei o envelopes, e deitei-o pela bocarra d'um marco postal. E agora uma confidencia sincera. Meia hora depois esquecera-me de tudo. Naquelle dia completei uma novela começada para «A Ilustração»; revi as provas d'um volume no prelo; e comecei uma cronica para um jornal espanhol. No dia seguinte, com t'odos os dias, nova fornada de prosa recheada pelos pretextos mais opostos. E—juro-lhes—estava tão longe de pensar que essas fólhas de papel reaparecessem na minha vida—como um fumador que deixa cair a ponta d'um cigarro aceso, o está do incendio que pode provocar. Mal sabia eu que bomba de clorato de potassa aque-la pagina do *block-notes* ia fazer estoirar...

O grande horrivel artigo de «O Povo»

Um intervalo a esta reportagem para que os srs. leiam os periodos mais combustiveis do artigo de «O Povo».

Uma tarde, ha meses, inaugurava-se com solenidade e champagne; com discursos e «sandwiches» um estabelecimento que devia berrar, como uma nota de extravagancia, na vida solenista da Rua de S. da B., no Porto.

Óra bem... Acantando com o meu amigo, soube por este que o principal financiamento da casa e inaugurar-e pertencia ao sr. B... O sr. B... é um simbolo, uma figura de côr, um «monstro» social, imprescindivel nesta galeria. Na sua historia palpitam todos os egoismos, todas as habilidades sordidas, todas as escamoteações ao abrigo ou fóra do abrigo da lei—mas sob a protecção do proprio ouro escamoteado.

E', fisicamente, um sujeito de falinhas abemoladas e espessas, fingido, sempre que lhe não convem dar uma resposta ou ser compreendido, grandes fadigas que o obrigam a ler-se a voz até ao sussurro; e imitando os *teletipistas* para furtar sílabas ás palavras e torná-las sem sentido...

A sua imensa fortuna foi semeada por um ardil pouco serio; a simples e prepositada troca dum bilhete. E lançada a semente é terra ela trepou pela vida fóra, sempre fortalecida por enxertos pouco honestos. Insensível as dores e ás angustias alheias, despota a frio com os fracos—tem o talento historico de representar de «bom velhote», compassivo, benevolo, generoso... Se se apercebe que o vão entalar—aproveita-se, alva os olhos, põe nos labios um *rietus* de morte resignado—e desmonta do ginete da colera o inimigo mais decidido a desmascará-lo...

Mas o grande covil da sua alquimia de poucas vergonhas foi a guerra.

Focarei apenas o mais grave dos seus crimes... Constava então que a fortuna do amelação sr. B., tinha sido feita, num ano, numa multiplicação invernal. Que esses milagres eram frequentes—entre os generanciosos da fatalidade da guerra—ninguém ignorava; mas prodigio de ilustrosim como aquele é que ultrapassava os limites e fazia encançar os olhos mais indiferentes e miopes... Faziam-se calculos; dilatavam-se á muitas centenas por cento as hipoteses do lucro dos seus negocios; totalizavam-se esses negocios—e mesmo assim no exagero das possibilidades—o montante ficava para aquem das somas totais que se segregavam cá fóra...

Óra Satanaz pode, uma vez por outra, por necessidade politica, servir e colaborar com a chamada gente honrada da terra; mas quando essa abusa e o tenta burlar arr nja sempre um inesperado duche de luz que a desmascara...

Por isso creio que foi Satanaz que, naquella tarde em que se enfileiravam sobre o baldio dos escritorios do sr. B... uns taboleiros a transbordarem de libras, para se efectuar não sei que transacção—quem fez como que um deles escroqueasse e caísse ao chão... Mas visonem os senhores com que cara não ficariam os presentes e o proprio sr. B. ao ver que as libras ao choca-

rem-se com as taboas do soalho, num tintar nada metálico, se fendiam e se quebravam em varios pedaços! De toda aquella imensa vaga de ouro—só uma insignificante parte se compunha de libras autenticas; o resto eram libras de porcelana, muito bem fabricadas, confundivelmente emittidas, muito bem douradas, autenticas vigierio e uma autentica preciosidade de quinquilharia—*made in germany*.

Pouco metes antes o general Bricker, o Director da policia Inter-Alliada contra Espionagem, instalada na Rua do Alecrim, em Lisboa, fora informado pelos agentes secretos de Espanha que os submarinos alemies que se forneciam não só do indispensavel para sua manutenção mas tambem para atender ás necessidades, internas da Alemanha, imergindo, pela calada da noite, proximos de certos pequenos portos e praias españolas e... portuguesas, intrujavam os seus fornecedores pagando-lhes generosamente em libras de porcelana. As



Hans Freilizer—o patriota alemio—o rei dos submarinos residente em Espanha.

libras de porcelana passaram a ser, para a policia de contra-espionagem como que um tasto, uma péda dos negocios claudestinos dos neutros e dos negocios de traição dos outros. O aparecimento de uma libra de porcelana era uma indicação infalivel de recente e vistinha passagem de submarinos alemies e da existencia dum traidor.

Prevenido do que se passava com o sr. B.—o chefe da policia americana ordenou á um dos seus detectives um inquerito discreto, profundo e rapido. Feito

o *dossier*—o *dossier* que ainda hoje existe em Lisboa—provava que o honrado sr. B. era, alem de um generancioso de poucos escrupulos, um traidor á pátria, com entendimentos comerciais com os inimigos... Houve umas semanas de panico, agitaram-se todos os santos da côrte... da alta financa, do alto comercio... A guerra acabou—e Satanaz poupou-o ás consequencias do seu crime...

O amigo que comigo se acantava e que escutára toda a cronica do sr. B.—disse, quando eu me calei:

—Parte dessa historia conhecia eu—assim como conheço outras piores ainda! Mas para que havemos nós de...

Suspendeu o comentario—porque nesse instante entrava o sr. B... Todos se ergueram; todos se perfilaram como galuchos ante um general; todas as mãos se estenderam emolando um *shank-hand* ao sr. B... como se um *shank-hand* do sr. B. equivallesse a uma abertura de credito immediato na praça; todos sem excepção; todos até aquele meu amigo que me confessara que conhecia a historia heroificada pelo B.—e outras piores ainda...; todos, menos eu, que continuarei sentado e de braços cruzados... E sr. B., adulado, galanteado, lisongeadado, batava e levantava as palpebras, encolhia os hombros, amelaçava o sorriso—como se dissesse: «Meu Deus! Aqui está, nesta homenagem sincera de gente de bem, o premio de tantos sacrificios pela honra e prosperidades do país!»

E quando eu debandei—ouvi algum proclamar, de teça na mão, que bebia pelo grande homem honrado e pelo grande patriota que era o sr. B...

Depois do ribombar do canhão--o ladrido das metralhadoras.

O jornal que trouxe o artigo foi apre-goado no Porto n'um sabado—senão estou em erro. Estava eu então em Barcelos a cincoenta quilometros da cidade invicta. O canhão ribombando ponpou-me do seu eco os timpanos. Mas ladraram logo as metralhadoras e a essas sim, ouvi—por que vieram taquetaquear, pelo correio até mim. Logo na segunda-feira pela manhã tive fu-

"HOMENS & FACTOS DO DIA,"

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA MILITAR
DE VIANA DO CASTELO

silaria epistolar. Que alguém, por acaso, comprara a gazêta e lendo-a, vira sobrepor-se, por cima da rêde dos caracteres innotipados, como numa visão de cinema, um sr. B (que passa a ter como ficha nesta reportagem a designação de B. n.º 2); a logo propagandeira a trez; e os trez a trinta; e os trinta a tresentos. E esta multiplicação do escândalo dera corrida aos quiosques, ruga os vendedores de periodicos; e que, a meio da tarde, já não havia exemplar livre ao alcance dos curiosos; que a Bolsa dos jornais ganhara nesse dia, cotações ineditas — visto haver quem oferecesse trinta a parenta escudos por duas folhas de papel cujo preço legal, *preço ao par*, é de trinta centavos. E logo outro informador voluntario veio avisar-me que o sr. B. n.º 2 tinha mandado varias «Eminencias grises» do seu estabelecimento resgatar todos os exemplares que restavam para cobrir assim o publico de tão innocente leitura; para estancar, fosse como fosse, o rustilhão da cheia do interesse publico. Tudo isto me pasmava e me fazia friccionar a ponta do nariz, n'um gesto feio mas muito meu. Tão distraidamente redigira aquêl artigo — que ha muito o esquecera. Como e porquê inflamava assim os espiritos? E logo vieram informações mais completas: Um jovem empregado do sr. B. n.º 2 se precipitára no gabinete do patrão empunhando o jornal como quem desfralda uma bandeira, «norteando» sobre a falanga que já rabalava cá fóra. Outro correspondente, estranho ás empresas do sr. B. n.º 2 era mais lúcidativo: que alguém partira para Lisboa para conseguir, por qualquer forma, a minha suspensão como colaborador de «O Povo»... Com respeito ao «Janeiro» — estava o sr. B. n.º 2 garantido. As minhas crónicas nunca mais sairiam n'aquêl jornal. «E' que diziam-me — o sr. B. n.º 2 é um dos proprietarios do «Janeiro» — Sem querer, sorri-me de mim mesmo. Era verdade! O sr. B. n.º 2 pertencia a um dos jornais onde eu colaborava. Tinham-me dito ha tempos — mas como não me interessava fixa-lo — esquecera-o logo.

Mas o facto de me ter esquecido não fóra causa de eu escrever o artigo de «O Povo». Mesmo no caso de eu pretender atingir aquêl sr. — não seria a lembrança d'uma combinação de empresas que impediria de o fazer. O «Janeiro», de cujo director serei sempre um amigo, um admirador, um grato por motivos que não veem agora para a ardosa; o «Janeiro» cujo acobitamento me fóra sempre simpatico; cujos redactores estão todos registados na agenda da minha alma em letras de fogo, como dos melhores camarada que encontrei até hoje; o «Janeiro», dizia eu, o «Janeiro» — Empresa», pagava me bem os artigos que para lá mandava. Mas no nosso contracto oral não havia clausula que me exigisse dozeir com a propria consciencia a prosa que ele publicava! E supondo — (é uma hipótese... inverosimil...) que era contra o sr. B. n.º 2 (apagado ditamo fluencia de maquina do diario) que eu desflechára o meu artigo de «O Povo» — essa prosa não saíra no «Janeiro». Não abusava, pois, da hospitalidade da casa de que ele, em parceria minima ou grande, era dono. Fora n'ou-

tro jornal, fora com a minha consciencia livre que eu realisara o meu «à la charge». Que importava a mim o sr. B. n.º 2 e o capital que ele tivesse num dos dose jornais onde eu colaboro? Mas na hipótese errada — podera! — de que fossem contra ele as minhas acusações — era logico que eu ficasse amordaçado? Podê lá admitir-se que qualquer *hors-de-la loi* garanta a sua impunidade em toda a imprensa só pelo facto de ter comprado algumas ações dum jornal?... Ou devem todos os jornalistas quebrar as suas penas quando se trata de uma questão grave desde que um acusado esteja interessado na empresa de um diario? E se Augusto Gomes, o Melo Guimarães, o José Bandeira, do «Angola e Metropole», o Benoit, «pia-traidor, da França, o Klotz (ex-ministro, que está sendo julgado nos tribunais de Paris); e a Mine Hanneau fossem capitalistas de qualquer jornal (como são alguns) era o bastante para que todos os jornalistas se calassem? Oh! Não! Eu, pelo menos, não me calaria. Bastaria isso até para não me calar!

Isso, já se vê, se fosse o sr. B. 2.º o «Homem das libras»...

Como se fez a minha saída de «O Primeiro de Janeiro»

Dizem que houve varias reuniões para se estudar a formula de me acoitarem como castigo do meu atrevimento — aliás involuntario e distraido. E digo involuntario e distraido, em obediencia ao ritmo da sinceridade que estou dando a isto — e não porque me importe uma caixa de fosforos que julguem o contrario. Do que se passou numa dessas reuniões tive eu uma síntese lúcidativa porque o proprio sr. B. 2.º contou cá fóra: Primeiro: o sr. B. n.º 2 exigia a minha saída do «Janeiro» (era o castigo!) Segundo: tentar, na medida do possivel, redozir a minha ação jornalística. A causa deste segundo capricho não atinjo Palavra que não! Que mal posso eu, pobre escriba desendinheirado, sem ambições, fazer ao poderoso sr. B. n.º 2? Não perco-bo! Se ele tivesse algo a temer da minha pena irreverente e bisbilhoteira — desculpava-se o seu feio expediente de me cortar os viveres e obrigar-me assim a render. Mas tendo a consciencia tranquila como a deve ter — alcanço o objectivo da sua estrategia só propria e explicavel nos que deitam a mão de todos os processos para desfazer os inimigos perigosos. Mesmo assim como eu gabei e ganho sempre a minha vida escrevendo (para isso basta-me, apenas, papel, pena e tinta por que a materia prima está á minha disposição nos armazens cerebraes) um tal calculo havia de falhar torçosamente. Não é pela fome que podem vencer-me enquanto tiver leitores. Além disso sou um homem de pouco alimento.

Oito dias depois um amigo do sr. B. n.º 2 — pessoa de quem eu, aliás, possuo as melhores recordações — partiu a realizar uma conferencias fóra do Porto. Ao ter noticias dessa conferencia eu e os meus amigos cruzamos os braços, sorrindo nos e ficamos aguardando a ordem da suspensão do meu trabalho «Janeiro». E ela chegou. As razões apresentadas nem de leve se referiam ao sr. B. n.º 2.º. Pela contrario: eram logicas visto que evocavam o meu afastamento drasse ha quasi dois anos e ele podesse indicar a transformação do meu contracto reduzindo-o apenas á cronica diaria — tel-a-hia aciteado curvada-

mente ela viesse dois mezes antes ou duas semanas depois. Mas a coincidência das datas, das conferencias e das reuniões extraordinarias, girando tudo n'um curto espaço de tempo em redor d'um artigo que eu sabia ter provocado inexplicavel colera no sr. B. n.º 2.º, afastou do meu espirito todas as hipóteses optimistas. Estava nitido que o sr. B. n.º 2.º não queria que eu escrevesse mais. Porquê? pergunto innocentemente. Misterio... Mas não quero terminar este capitulo sem fazer mais uma vez a afirmação do meu convencimento da sinceridade do Ex.º Sr. Jorge de Abreu.

Quem são o sr. B. n.º 1.º e o sr. B. n.º 2.º?

Segundo a lei de imprensa, a nova e a antiga, qualquer individuo que se julgar prejudicado com uma insinuação jornalística pode exigir do autor desta abstracta acusação que declare publicamente, se é ou não é ele a quem pretende referir-se. Mas depois de satisfeita essa curiosidade (muita vezes imprudente) o articulista, ao abrigo da velha e da nova lei está no pleno direito de continuar a conservar a incognita indefinidamente ou até onde lhe apetece. Esclareço este detalhe cá por causa de coisas, e continuo a reportagem (?)

Logo que recebi ordem para suspender a minha colaboração no «Janeiro» o sr. B. n.º 2 consultou varios advogados. (Mesmo longe do Porto a minha T. S. F. funciona admiravelmente). Os advogados leram o meu artigo de «O Povo» e depois de confessarem não ver «unhas de fóra» ao alcance das «manucures» judiciais deram-lhe um conselho em que provam que não são tolos e que me conhecem, pelo menos de tradição: «Fulano não é homem para se calar, sobretudo quando querem obrigalo ao silencio. A unica esperança que nos resta é que ele venha agora em estado epilético e cego, esquecendo o que sabeda lei de imprensa e comprometendo-se nos novos ataques que escrever».

Pois bem... Vou oferecer-lhes toda a materia para ver se desta vez o sr. B. n.º 2 consegue dissecar-me para sempre. Lidei de perto, durante a guerra e como redactor do «Seculo» e de «A Capital» com a Policia Internacional Norte-Americana de Contra Espionagem, instalada na Rua do Alecrim 63 ou 64 — não estou certo. O chefe já o citei; ajudantes eram capitão Demasi; o tenente Swanson; um portuguez *Jankhosodo*, Machado a quem eles chamavam Mac-Hado, um irmão de M.º Dupin cujo nome esqueci — e varios detectives. Um deles... — que é dos mais habéis que tenho conhecido até hoje, fixou-se durante mezes no norte. Fez o dossier completo do «Homem das Libras de Louça» e não sei porquê, reservou-o para si. Ouvi falar muito nele nessa época — mas só ha pouco o tive nas mãos. Conheço até detalhes pitorescos. Espero tornar a revelo em breve

Ha quem diga que isso de «libras de louça» é uma fantasia inverosimil! Ainda ha 48 horas, aqui, em Barcelos, apalpei uma dessas moedas. E', de facto, uma maravilha da industria alemã. Em todas as terras que formam a costa maritima de Vi-

«HOMENS & FACTOS DO DIA»

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
GRAFICAS DE F. MARINHO
BARCELOS

la do Conde a Viana deve existir ainda, nas mãos de colecionadores, um razoável «stock» que veio para Portugal, de gístera com as autênticas e em troca de variados fornecimentos, principalmente de ovos milho, vinhos etc... O inverosímil é que haja incredulos apatetados julgando que eu me metta com gigantes, sem saber o que fazia, sem dar ânimo a defender-me e carregando a «Grosse Bertha» do ataque com bofias de papel recheadas com fantasia sem senso!

Toda esta narrativa e comentários consequentes circunavegam em redor do sr. B. n.º 1, cuja inicial e respectivo apêndice numerico eu conservarei até á proxima posse do *dossier* que deve vir a caminho. E enquanto não chegar a oportunidade—vamos entretermo-nos um pouco num jogo de deduções á Conan Doyle... A acusação do artigo de «O Povo» era apontada a um sr. B. que nessa altura ainda não era n.º 1 — porque não previra a hipótese de entrevir na peça um sr. B. n.º 2. Ora essa inicial é vã — porque superabundam os senhores BB na vida portuense. O B. podia ser Belo, Baltazar, Braga, Brito, Bermudes, Bernardino, Bernardo, Batista, Belmiro, Bonito, Beleza, Belarmino, Bento, Boaventura, Bartolo, Bravo, Benigno, Burnay, Benjamin, Bastos, Bonifacio, Bruno, Bombarda, Benolial, Berto; e porque capricho do Destino de tantos BB nenhum se julgou atingido — havendo apenas uma excepção? Porque não há de ser, por exemplo, Bartolomeu—Bartolomeu Dias, o grande navegador portuense do seculo XV? E esta hipótese não deixa de ser plausível — tanto mais que naquela época o heroísmo dos descobridores e as façanhas dos guerreiros amalgamavam-se muitas vezes com a pirataria mais desenfreada. E ninguém melhor do que Bartolomeu Dias, poderia mercadejar, em pleno oceano, com os submarinos a emães e ser por eles burlado cobrando libras de louça em troca de generos alimenticios... Provisoriamente ficamos em que o «Homem das Libras de Louça» ou seja, o sr. B. n.º 1 é o sr. Bartolomeu Dias... E' esta a primeira acusação clara, metálica e pontegada: a a que aponto ao pobre e glorioso navegador do seculo XV—que mal sabia ele que havia de estar metido 500 anos depois nestes assados...

Mas o que a lei me pode obrigar a dizer não é a verdadeira personalidade do B. n.º 1—mas sim se o B. n.º 1 é ou não é o B. n.º 2. (E já para isso puz um B. n.º 2 neste elenco). Querem saber, pois, quem é o B. segundo? Não hesito: E' o sr. Francisco Borges.

Agora pode medir-se o disparate dos boateiros. Ora calculem os meus amigos... Eu a atacar o sr. Francisco Borges... Só o sr. Francisco Borges podia pensar em tal. Não nego que me tem dito muito mal desse prestigioso banqueiro. Bostos não faltam e alguns são d'indignar quem, como eu, conhece a tradição dessa illustre e marcante individualidade. Chegaram mesmo a dizer-me que, em plena guerra, ele se acenturara para Barcelos. Mas os colonizadores — é sabido — não tem sono; e é preciso não ter olhos para lhes dar ouvidos. E isto d' ser cego e ainda por cima ficar voluntariamente surdo é um fakirismo só proprio de pessoas desmioladas.

Que é com o sr. Francisco Borges o artigo de «O Povo»? Então eu podia ignorar a lisura da sua vida; a limpeza da sua alma; a consideração que o seu passado exemplar impõe a todos os portugueses? Por muito mal que toda a gente me disses-

se (digo *dissesse* e não *dis*) eu não acreditava... Só dispondo dum *dossier* com provas insofismáveis.

Concluiremos pois que foi trabalho inutil pagar consultas a advogados—porque mesmo sem eles glosarem a lei em papel selado, eu histrionismo-me de Egas Moniz e venho com o pescoco enlaçado declarar que o sr. Francisco Borges—pudera!—não podia ser o «Homem das Libras de Louça».—Querem melhor?

Mas...

Problema intrigante

Perdoem-me os senhores e Perdoem-me o sr. Francisco Borges ou seja o sr. B. n.º 2—o «mas» ficou ali em cima á laiz de gancho... E que todo este ruído dramabulo podia ter terminado, num final de acto emocionante com rufo nos tambores da orquestra e lagrimas nos olhos dos espectadores sensíveis... Eu entrava no palco pela direita: o sr. Francisco Borges pela esquerda; agrupavamos-nos proximo da caixa do ponto; o electricista enchavava-nos aos dois com a luz blaz do projecto; eu deschapelava-me e numa voz solene dizia: «Declaro que o B. n.º 1 do meu artigo não é este honrado e venerando banqueiro, grande patriota, o verdadeiro pai dos alfios, a quem Portugal e toda a gente deve imenso e cujo o passado é uma nova Biblia» A seguir o sr. Francisco Borges declarava, com um sorriso: «Então houve alguém que supozesse um só instante que era eu o tal homem? A mim, pelo menos, nunca me passou pela cabeça!» Cairiamos nos braços um do outro; a orquestra desandava com a «Portuguesa»; estraljavam aplausos freneticos; o publico puz ha-se todo de pé; e dos camarotes de boca duchar-nos-hiam com nuvens de flores. Era lindo, comovente—e cada um iria tranquilamente para as suas casas.

Mas não pode ser... E não pode só por culpa do sr. Francisco Borges cuja actividade me intriga e faz simular sem alinar com a explicação. No meu artigo eu apresentava um sr. B. (o B. n.º 1) que entre outras façanhas de tres estrelas cometera a vilania de negociar com inimigo do seu país durante a guerra. Porque seria que havendo tantos sr. BB em Portugal — só ele, o sr. B. n.º 2, o sr. B-Borges, um sr. B. altamente honrado e cristão se julgou ofendido e caluniado? A calúnia existe quando a acusação leva um rotulo. Ora o unico rotulo da minha accusação era a narrativa das faltas praticadas. Só por essa narrativa se podia personificar o criminoso anonimo. Nestas condições a atitude do sr. Borges, preocupando-se comigo e com o meu artigo até ao extremo de, durante oito dias só nisso pensar, provocando reuniões; passando as noites no *Janeiro* e fazendo com que eu sísse do jornal — desconcerta-me. Se amanhã um colega meu escrevesse no *Seculo* ou no *Noticias*: «Existe por ahí um sr. R. que é preto retinto» —p-dia eu só porque o meu nome começa por aquela inicial mas que tenho a consciencia tranquila a respeito alvura da minha cutis de europeu, indignar-me e berrar: «Esse malandro está a meter-se comigo; está a caluniar-me; e vou fazer o possivel para que o jornal o ponha no olho da rua?»

A proposito da palavra «vingança»

Estou informado que os «Eminências grises» (quem conhecer a historia de Rech. Lill sabe a quem me quero referir) começaram já a fazer zumbir insinuações caluniosas. Mas mesmo que não tivessem zumbido ao alcance dos meus ouvidos—eu contava com elas, como um soldado conta com o fôgo do inimigo. Era infalível—porque é classico; porque é um velho sistema que muitas vezes dá resultado—o resultado de desvirtuarem uma obra sé, honrada e sincera...

Ora eu, de qualquer forma, estava e estou prevenido—e tôlo seria se não usasse a tempo do regular dinamismo do meu cerebro para desvenenar, antes da batalha, as azagaias empenhadas com que eles procuravam ferir-me... de morte fulminante.

Este jornal nasce na precisa altura em que a minha carreira o exigia. Foi a questão das «Libras de Louça» e a minha saída do «Janeiro» que ajudaram a decidir-me fozello. Os seus objectivos são exclusivamente jornalisticos: o resumo literario e comentado de toda a vida mundial e as reportagens dos acontecimentos mais importantes de Portugal e do estrangeiro quando a recata permitir maiores gastos. Este jornal não fará campanhas—entre outros motivos para que os caluniosos profissionais não se aproveitem d'elas para bolças o pus de uma palavra ex-cra: fac: «Chantage».

A reportagem de «Homem das Libras de Louça» foi imposta pelo direito de me defender e de exhibir ao publico a verdade do que se passara—hespen-to-a dos terrapós andrajosos com que a tinham enroscado. E como conheço o *couple*: «Fulano fals porque ainda não comeu» ou então: «Fulano calou-se porque já comeu» — começa por declarar que esta reportagem si servi tratada duas vezes. Uma agora e outra quando receber o *dossier*. Duas vezes—nem mais nem

menos uma. Se não for assim—já ficam os senhores sabendo: é verdade o que espalham; é porque de facto me vendi; é porque esta campanha excepcional—se campanha se pode chamar—premeditava uma *chantage*...

Como veem não é muito difficil quebrar os dentes á calúnia, quebrar-os sem dó, anestesiando os patifes—antes que eles mordam. Fica pois descautelado o plano deles apodarem com nomes feios o recém-nascido jornal. E como tambem sei que eles reservam, como cretino recurso, uma especie de gaz asfixiante á que davam o nome de «vingança»—toca a pôr «mascara» antes que infectem com ele a atmosfera. Disseram-me que os «Eminências grises» os que estupidamente defendem o sr. Francisco Borges «caluniando-o» (visto que ele só se pode pulgar atingindo encriminosando-se) sussuravam que o meu artigo era um gesto vingativo, a puga de uma questão recente. Houve até quem desse detalhes — dizendo que eu fora varias vezes encauto de Barcelos ao Porto, para descontar umas letras o que não conseguia.

Caíla! O que me indigne mais nestes paterats mal intencionados não é o veneno que segregam: é a estupidez—a estupidez deles que por eles medem a minha intelligencia. E houve até um jornalista (que jornalista!) que acotou como boa essa hipótese—infame, primeiro; tola depois. Tola porque mesmo que eu fosse um infame como ele—seria mais esperto e não procederia de forma a que se podesse atribuir nunca a minha vingança um artigo meu ou uma campanha. Estive em Barcelos quatro mezes e não sei ha quanto tempo que não me cruzo sequer com o sr. Francisco Borges. Mas pensando onde podiam eles ir buscar foi para teer esse trapo — recordei-me que ha causa da um ano e meio—ou talvez mais—tive projectado uma viagem ao Mexico, cujo presidente o general Calles—eu conhecia pessoalmente. Era uma reportagem sobre questões religiosas, em plena calentura. Falei vagamente ao *Janeiro* e falei ao sr. Pereira da Rosa. A imprensa naquella altura não podia, sosinho, com o orçamento da viagem. Era preciso agregar outro trabalho. Pensei em fazer, ao mesmo tempo, a propaganda do vinho do Porto naquello país. Cheguei á falar a um exportador — um «gentleman» que eu muito considero,—e este, que era socio do sr. Borges no negocio dos vinhos, só podia medir os meus lucros, no fim da viagem e tendo á vista o resultado obtido. Por isso pensei-se em descontar umas letras para as despesas da viagem —letras que seriam resgatadas no regresso pelos lucros do negocio. Vi difficuldades—e motivos intimos afastaram-me desse projecto. Nunca mais me lembrou tal incidente!

Isto ha mais de um ano e meio—quando eu ainda não tinha lido o *Janeiro*. E os pulhas, os «Eminências grises» julgarem-me como eles capaz de me lembrar 48 horas dessa pequenez; julgando-me capaz de guardar vinte mezes um desejo de vingança por uma insignificancia em que eu não podia julgar-me ofendido; julgando sobretudo que eu para vingar, escrevesse um artigo calunioso! Pulhas e idiotas! Então quando um jornalista cumpre o dever de desmascarar alguém — é sempre por espirito de vingança? Então quando desmascarei o Augusto Gomes, o Melo de Guimarães, os frades de Ovar, os traficantes de carne branca do M.º Bleu, os chefes do bando «Filho da Mort»; os «caça bifas», e tantos outros velhacos que a minha pena retalhou—fil-o tambem por vingança, porque eles não me descontaram letras? E os pulhas e os idiotas á dizerem que eu tenho ido ao Porto, ha poucas semanas para tentar o assunto das letras. E não veem os pulhas e os idiotas que engendraram essas trapalhices não é a mim que comprometi e esjam-nos sim a quem pretendem tão paupalmente defender porque si eles e não eu quem personificam gravemente o heroi da traição que eu deixei no anonimato...

Vingança! Tambem será por vingança que eu hei descobri-los a todos, iluminal-os, expulsal-os da sua torre de hepcrosis? Pobres de caracter e pobres do espirito que hão-de eles de inventar para explicar o meu artigo, agora que lhes cozi a boca antes de falarem, agora que não provei que eu só trata de *chantage* nem de vingança? Pobres pulhas e infelizes idiotas!

Reporter

NA PAPELARIA, ENCADERNAÇÃO
E TIPOGRAFIA F. MARINHO EXECUTAM-SE COM A MAXIMA PERFEIÇÃO E A PREÇOS MODICOS
TODOS OS TRABALHOS GRAFICOS

O segredo dos desaparecidos

Os senhores devem ter notado tanto como nós: Raro é o dia em que os jornais não dão conta de quatro a cinco desaparecimentos de menores. Um amigo nosso, amador fanático de estatísticas que passa os serões a arrigimentar números nos seus *bloc-notes*, afirma que, em Portugal desaparecem, anualmente em media 400 a 500 indivíduos de ambos os sexos e de idade inferior a 20 a anos. Mas o mais preocupante da questão é que, desses 400 a 600 desaparecidos só cinco por cento reaparece aos «afictos pais» (segundo o logar comum dos noticiários). Esses cinco por cento é composto, quasi exclusivamente, de meninas com pressa de casar e que se imbebem nos alcaídes poeticos dos D. Juans que lhe fazem negaças na esquina da rua. E os restantes noventa e cinco por cento? Que misterio os engole, que alcapão os traga, que sombra os envolva para que nunca mais haja noticias delos? Os leitores que veem nas gazetas essas noticias e nunca mais tornam a ter referencias desses desaparecidos esquecem-se delos, naturalmente, ou convencem-se que regressaram a vida. Mas não é assim. A grande maioria não volta mais. Conhecemos nós dois ou três indivíduos cujos filhos partiram enigmaticamente sem deixar vestígios á mais de dez anos e até hoje ignoram o que lhes sucederia. São verdadeiros períodos epidemicos, de praso regular de dose a quinze anos. Depois dum espaço de seguidos desaparecimentos estamos, um ou dois anos sem ter noticias deste genero nos jornais.

Não é só no nosso país. Espanha, por exemplo, tem soffrido epidemias identicas. A ultima drou de 1915 a 1926 sendo rematada pelo celebre caso das «minas de la Calle de Mendonza». Longe de nós lançar suspeitas sem base ou fazer reviver as lendas pitorescas do oleo humano ou dos jesuitas que comiam meninos de cabidela. Estamos certos que não se trata de antropofobia; mas sim de uma outra gulseima organizada em seita de que um dia haremos de tratar com dados certos.

«A boneca de Politiken»

LAZAMOS não saber dinamarquez porque se publica em Copenhague uma gazeta — a *Politiken* — cujos constantes *coups de sensation* marretam ruidosamente no gongolo da curiosidade mundial. Recordamos, ao ondear da memoria, algumas das suas emprezas internacionais de maior originalidade.

Em 1920 quando o problema do planeta «Marte habitado» fez entrechocar, de novo, as opiniões dos astrónomos — a *Politiken* — aproveitou o alvitre d'um sabbio do seu país — Dr. Hens Rockler —



O struc. do jogador do xadrez automático; o auxiliar está escondido dentro da «máquina»

gastou perto de cem mil coróas a atapeitar de espelhos uma das muitas ilhas que salpica o restricto continente dinamarquez, fazendo coincidir, sobre esse imenso solo de cristal golladas electricas de poderosissimos projectores — com o fito de experimentar uma telegrafia inter-planetaria. Ainda ha pouco mezes, pretendendo provar que os artificios de Julio Verne se tornavam arquiologicos — encarregou um jovem *boyscol*

filho d'um redactor da casa de hoje redactor ele tambem do «*Politiken*» (com 14 anos)

Robert Witts, de dar a volta ao mundo, utilisando-se de todos os meios de transporte da vertigem moderna. Resultado: Robert Witts realisa a viagem ganhando 948 horas e 35 minutos aos herois da «volta ao mundo em 80 dias» do Verne

A ultima do «*Politiken*» foi vestir com o trajo nacional dinamarquez uma boneca, prodigio da mecanica moderna, e lançá-la, sozinha, numa longa viagem atravez da Europa, levando no pescoço um letreiro escrito em varios idiomas em que se pedia aos passageiros que ajudassem Sua Ex.^a nos trasbordos. Disfarçadamente e com a ordem expressa de não intervir em nenhum incidente, viaja um redactor do «*Politiken*» com a missão exclusiva de fazer a reportagem a tudo quanto fór succedendo pela viagem fóra...

O homem — vá lá um logar comum — foi e será sempre uma creança grande. A's vezes não o confessa, por vergonha — e até nisso ele mostra que é infantil. E d'essa infantilidade cronica do espirito dos adultos nasce uma irresistivel e universal predileção pelas automaticas em geral e pelas bonecas em especial. As primeiras grandes manifestações da mecanica foram exteriorizadas pelas frivolidades das bonecas. Já no seculo XVI o francez Lamur apresentou na corte um turco — mecanico Tobias Pachá — que fazia proesas... verdadeiramente humanas. Cita-se ainda a «menina Bibi» uma graciosa e milagrosa boneca que escrevia o que se lhe ditava e que foi construida em 1760 por Jacquet Drez. Houve tambem uma charlataniace n'essa febre constructora de automaticos prodigiosos — sendo o mais celebre o «Jogador de Xadrez» que andou em bondades por esse mundo fóra, dando uma verdadeira fortuna ao seu inventor... Mas um dia descobriu-se o ló-



Mlle. Bibi, a boneca automática que em 1750 escreveu o seu nome

O casamenteiro de Haia

GRACAS a Deus e a Budha a falta de vergonha de que tanto nos orgulhamos, em Portugal, como virtude quasi exclusiva da raça, alastra-se, quasi nodosa de azeitte em braca toalha, por todo este mundo de Cristo. Os desavergonhados chegam a toda a parte e, pelo que acabamos de saber, até os ha na Holanda e dos mais frescos. Na Holanda, como em quasi todos os paizes do Norte, sobretudo nos da Escandinavia, a prostituição não é um problema tão plumbeo como nos do Sul. O facto das mulheres, na sua grande totalidade, ganharem com o trabalho o direito á sua independência, a forma como é encarada a convivência sexual desde o flirt até ao casamento definitivo, passando pela mancipla sem compromissos e pelo amor livre convencionalmente legal, reduz essa industria de carne humana, a mais degradante de todas degradações, a uma insignificancia quasi imperceptivel. Embora isso pareça inverosimil, Paris, possui menos cortesãs do que Lisboa, na relatividade da sua população; e que Stokolmo regista apenas, nas suas fichas policiaes, cinco e tal mulheres a quem cruelmente se diz «da vida alegre».

Na Holanda é por tal forma excepcional a prostituição que não se iniciou ainda uma offensiva organizada contra ella. A mulher holandesa quasi que ignora a existencia dessa profissão. Nestas circunstancias ás estrangeiras procuram emigrar para lá na certeza de amealharem uma rapida fortuna pela falta de concorrência. E contra essas, sim; a policia é inflexivel.

De que se ha-de lembrar um senhor holandez pertencente á seita internacional dos que não tem vergonha na cara nem em outro qualquer sitio do corpo? Organiza uma agencia á onde as estrangeiras aspirantes ao auto-comercio dos seus encantos se dirigem ao desembarcar em Haia e onde o estado cavalheiro lhes arranja, acto continuo, pela soma de x um marido de nacionalidade holandesa. Feito o casamento e pago ao canilha a soma estipulada os recém-casados despedem-se e a esposa fica ao abrigo de qualquer perseguição podendo exercer livremente o seu vil *metier*, porque se tornou em subdita holandesa.

Descoberta a engrenagem dessa alter-nadissima pouca-vergonha, o director da «agencia» foi levado aos tribunais. Mas na Holanda existe um tal respeito pelas leis que não foi possivel aos juizes condemná-lo. O seu crime não está previsto. Detalhe pitoresco: são apenas cinco os colaboradores desta força, e um deles já se casou e descasou vinte e duas vezes por meio de documentos falsos. Este *recordman* do matrimonio — o unico que foi condemnado — confessou ao juiz que tinha o maior desprezo pelas mulheres, que jamais se manteria vinte e quatro horas com um ser de sexo diferente.

Foi em Viena d'Austria... Um bisbilhoteiro invadiu o recinto reservado ao artista — e surpreheu um ajudante do intrujão a sair da caixa do automatico... Ao fim e ao cabo conclue-se que ainda a maquina mais perfeita que se inventou até hoje... é o homem; e esta não foi feita por nós.

BARCELOS

Este jornal é como quem o faz: um nomada inquieto, sem residência fixa... será feito no Porto e em Lisboa. Será lido do norte ao sul, nos aldeias do continente e nas capitais das colonias mais distantes. É um jornal para todos os portugueses...

Quiz o acaso que os seus primeiros números, estampados nas pressas de uma resolução brusca—fossem feitos em Barcelos. Esta coincidência alegria-nos porque nos deu pretexto de dedicar o primeiro número a Barcelos. Para nós Barcelos é uma terra que fica marcada no mapa corográfico

do coração com um afinete encimado por um diamante. Nesta hora da monotonia industrial nacional—a nova—cidade agita-se, activa, febril, ambiciosa cheia de juventude e de energia sabendo o que quer e ansiando ser o que os seus legítimos projectos lhe dictam. Cidade já, cercada por noventa freguezias. A sua vida comercial e industrial seiva de bom sangue todo o seu organismo. E em breve, muito em breve, deixará de ser uma cidade de provincia—para ser uma cidade—cidade, uma cidade europeia, uma cidade do Seculo XX.

Augusto da Cunha Bandeira

Rua Duque de Bragança n.º 1, 3 e 5

BARCELOS

Alquilaria, garage de automoveis, Limouzine de luxo para casamentos, carros ligeiros para 4 lugares, serviço de trens de cavalos para todos os comboios, preços sem competencia.

Serviço de automoveis na Praça com preços especiais.

António Miranda Relvas

Fabrica de gelo e refrigerantes

BARCELOS

Manuel Pereira da Quinta

Rua D. Antonio Barroso, 21, 23 e 25 — BARCELOS

Armazem de Merceria—Deposito de tabacos da Tabaqueira e da Companhia Portueza.

Pastelaria e Confeitaria Salvação

— DE

Manuel J. Duarte Salvação, Suc.

13-15, Rua D. Antonio Barroso, 17-19 — BARCELOS

A confeitaria Salvação fabrica a especial laranja doce e queijadinhos de Barcelos — ESPECIALIDADE DA TERRA.

Os turistas devem visitar o seu salão de chá.

Fabrica de Tamancaria e Sapataria

Domingos Luiz da Cunha & Filhos

Grandes Armazens de calçado por junto e a retalho, deposito de guarda-sois, chapéus bonets, chinelos de liga e aiper-gatas.

Vendas por junto—Desconto aos revendedores.

Agência Veloso

LEGALMENTE HABILITADA E CAUCIONADA A

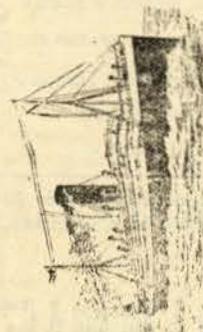
PASSAPORTES

ANTONIO FERREIRA DUARTE VELOSO

59, RUA INFANTE D. HENRIQUE, 61 (Em frente ao Correio (geral))

BARCELOS

Solicitam-se passaportes para todos os países estrangeiros, tais como: Hespanha, França, Bélgica, America-do-Norte, B.R.A., Cuba, Argentina, Africa, etc. Trata-se com radições de todos os documentos para obtenção dos mesmos e assim como para a aquisição do Bilhete de Identidade. Entregam-se bilhetes de passagem de todas as Companhias de Navegação do Porto e Lisboa. Legalidade e competência.



RESTAURANTE CARVALHO

Francisco Carvalho
23, C. da Feira, 24 — Barcelos

FABRICA CERAMICA DE BARCELOS

RAMOS & C.ª, Limitada

(Em frente à Estação do
Caminho de Ferro)

BARCELOS

Tem sempre grande deposito de telha tipo marsella tijolos para construções, tubos para canalização de aguas e outros artigos respeitantes á industria de ceramica.

Atendendo á grande baixa de preços que esta fabrica faz aos seus produtos e ainda á excelente qualidade dos mesmos, aconselha a que ninguém compre sem consultar os seus preços.

DESCONTO AOS REVENDEDORES

CAFÉ BARCELENSE

— DE

Antonio Firmino
da Silva

Largo da Porta Nova

BARCELOS

Bons bilhares.

Grande variedade
de licores.

Especia-

lidade em
Chá e Café

Os espelhos da

VIDRALIA, LIM.ª

São os melhores e os mais garantidos que se fabricam em Portugal

138, R. dos Caldeiros, 141

PORTO

Juan B. Domenech, Limitada

SERRARIAS MECANICAS

Sede em BARCELOS

Estabelecimento de Cabaiais

DE
MANUEL VIEIRA AZEVEDO
Suc. de Manuel G. V. d'Azavedo
R. D. Ant. Barroso, 86 - Barcelos

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO E SOUSA SUC.ª

Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manuel Viana, 1 a 7

BARCELOS

Especialidade em chá, café e azeite. Depósito dos Vinhos da Companhia Velha do Alto Douro.

Estabelecimento de Mercearia

DE
MOURA & RODRIGUES
R. Filipa Borges - Barcelos

Venda por baixos preços de todos os artigos de mercearia. Grande sortido em b. calhau, arroz, assucar, massas, café, etc., etc.
PREFIRAM ESTA CASA

Manoel Duarte Maciel & C.ª

ARMAZEM de MERCEARIA

CAMPO 5 DE OUTUBRO

BARCELOS

HOTEL ALIANÇA

O MELHOR

BARCELOS

SUCURSAL de

Viana do Castelo

Mercearia Dias

DE

Antonio Dias Gomes

45, R. Infante D. Henrique, 33
BARCELOS

Completo sortido em arroz, assucar, b. calhau, massas de superior qualidade, vinhos finos e de mesa, bolachas, biscoitos de Valongo, etc.

ARTIGOS DE PAPELARIA
MANTEIGA DA PRAIA D'ANGORA

Farmácia MODERNA

(Antiga farmácia da Calçada)

Estabelecimento modelar, montado com conforto e higiene; impondo-se pelo esculpido arriamento de todo o resciutario médico sob a direcção Technica do seu proprietario João Pacheco Leite.

O mais importante centro de especialidades farmaceuticas. Todo e qualquer artigo concernente á farmácia. Aguas minerais, as mais recentes e de todas as procedencias.

Fina colleção de perfumarias dos melhores autores.

João Santana Vaz & C.ª

Estabelecimento de calçado para homem, senhora e criança

PREÇOS SEM COMPETENCIA

4, Rua Batjona de Freitas, 8
(Junto á Pr. 5.)

BARCELOS

FOTOGRAFIA SOUCASAU

DE

Eurico Soucasaux

Campo da Republica, 42 - Barcelos

Aparelhos Kodak a 10 prestações mensais.

Vendas por sortido de 10\$00 semanais. De gramofones, discos e mequitas fotograficas.

AUTO-REPARADORA

Machado & Esteves

Reparações, recolha e lavagem de automoveis. Soldadura a autogenio e carga de baterias. Gazolina, oleos, pneus e acessórios.

RUA MANUEL VIANA

Em frente ao quartel da Guarda N. Republicana

BARCELOS

Oupivesaria Guimarães

(CASA FUNDADA EM 1895)

81, R. D. Antonio Barroso, 83

BARCELOS

Restaurante Parreirinha

Ruas Infante D. Henrique e Manuel Viana - BARCELOS

Neste bem montado restaurante, encontram sempre um bom serviço de mesa a preços mais convidativos e o finissimo verde da região. Visá-lo pois é ter a certeza duma boa refeição e grande economia.

Estabelecimento de fazendas de lã e algodão

DE

Antonio J. Ferreira & C.ª

18, R. Barjona de Freitas, 22

BARCELOS

Tomaz José de Araújo & C.ª, Suc.ª

Armazem de Mercearia

Por junto e a retalho. Depositarios da Companhia dos Tabacos de Portugal

Correspondente dos Bancos Commercial do Porto, Credit

Franco Portugais e

José Henriques, Totta, Lim.ª

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

(FUNDADA EM 1923)

RUA D. ANTONIO BARROSO
BARCELOS

Tipografia e encadernação, Livraria e papelaria e objectos de escritório

Perfeita execução de trabalhos graficos em todas as generas. Officinas de composição e impressão providas de material moderno das procedencias. Movimento a electricidade.

Quilómetros, papelaria, artigos de casa, depósito de aguas minerais e alugar a curto prazo de bicicletas. Agente da C.A. Sg. GARANTIA. José A. Guimarães Cibrao R. Inf. D. Henrique, 41 - Barcelos

Hotel e Restaurante Central

Restaurante ao rez-do-chão - Hotel no 1.º andar

35, Campo da Republica, 39

BARCELOS

E' o mais bem situado. O mais amplo. O que melhor serve. Cozinha á portuguesa. Especialidade em vinhos da Região. Luz electrica em todos os aposentos. Garage. Proprietario:

Manuel da Cunha Arantes